

## LENDAS DO SANTO FUJÃO: NARRAR É SE SUBJETIVAR

Vanessa Vila Flor (Pós-Crítica/UNEB)

Orientadora: Dra. Edil Silva Costa

*Resumo:* Mais um semestre finalizado, entendendo-se assim, mais um período contemplado de reflexões e articulações propostas para minha pesquisa. E é neste artigo que divulgarei os frutos que foram colhidos durante os seis meses que se passaram. Mudanças ocorreram no meu projeto; anteriormente queria comparar as narrativas orais do Santo Fujão com os discursos oficiais sobre o início das cidades em que aquelas estão presentes. Mas devido a certas contradições, decidi estudar por meio destes relatos orais a construção da subjetividade do narrador, aquela que o situa no “Entre-Lugar” da modernidade. A partir destas alterações, será apresentado também neste artigo um esboço do primeiro capítulo da dissertação: alguns narradores, uma parte da teoria que será articulada ao objeto de estudo e uma superficial análise do corpus apresentado.

*Palavras-chave:* Entre-lugar. Subjetividade. Lendas

### INTRODUÇÃO

No semestre passado (2014. 1), reformulei o meu projeto para dar ênfase ao confronto entre as lendas do Santo Fujão com as histórias oficiais sobre o surgimento das cidades de Alagoinhas-BA e Costa Rica-MS, já que aquelas narrativas têm em suas configurações elementos discursivos que se relacionam com o início destes locais. O objetivo deste embate era resgatar o que não estava sendo dito nos documentos históricos, o que foi ignorado por não se enquadrar nos parâmetros racionalistas do pensamento científico.

Porém, como consequência dessa proposta, comecei a trilhar um caminho em que as histórias oficiais eram mais enfatizadas do que os relatos orais. Aquelas estavam substituindo o lugar de objeto de estudo que as lendas ocupavam em minha pesquisa. E isto era o que não pretendia, pois tenho um interesse constante em fazer cada vez mais análises profundas em cada “ângulo” existente nas narrativas orais.

Devido a este choque, fiz outras alterações no meu projeto de pesquisa. Desta vez trago como possibilidade de análise a construção da subjetividade do narrador no momento em que este a conta. Para esta nova proposta, elaborei duas questões, sendo a primeira: a partir das influências globais, quais são os elementos históricos, religiosos e culturais existentes na sociedade que a narrador vive e que são transmitidos para a lenda do Santo Fujão no momento em que aquele a conta? A segunda questão, que está correlacionada com a primeira, constitui-se a partir da seguinte inquietação: como o narrador, a partir desses elementos que contemplam a lenda, como também a sua vida, torna-se produto de si mesmo, ou seja, é autor da sua própria subjetividade?

Esta subjetividade que eu trago à tona é aquela que não satisfaz as regras do mercado, pois como explica Suely Rolnik (1997), esta globalização que vivemos traz a possibilidade do coletivo anônimo compartilhar ideias, gostos e decisões através das hibridizações culturais proporcionadas por meios tecnológicos. Por outro lado, porém, esta mesma globalização faz com que as subjetividades se tornem mutáveis para que se adaptem às transições do mercado. Nesta nova era, o discurso de que devemos estar sempre abertos ao novo (novas tecnologias, novos paradigmas, novos hábitos...), faz com que a subjetividade seja constantemente reconfigurada a partir das forças movidas pelo mercado. E isto acaba ocasionando no indivíduo um preenchimento/esvaziamento de subjetividades que acaba por fim o instabilizando.

A subjetividade que eu proponho perceber no narrador é aquela que está no *Entre-lugar* dessa modernidade. Este é um conceito primeiramente pensado por Jacques Derrida (2001), no sentido em que o *Entre* é um espaço teórico que está em relação com o binarismo, mas sem vinculação a este. Posteriormente, Silvano Santiago (apud SOUZA, 2002) ampliou este conceito para analisar o *Entre-lugar* do discurso latino-americano diante das questões de dependência cultural:

“Borges me deu a coragem do pensamento paradoxal quando estava preparando (ou estavam me preparando) para os caminhos da racionalidade francesa numa terra onde os lugares-comuns nos impelem para o irracional. Nunca fui vítima da lucidez racional da Europa como um novo Joaquim Nabuco, nem me deixei seduzir pelo espocar dos fogos de artifício ou pelas cores do carnaval nos trópicos. Fiquei com os dois e com a condição de viver e pensar os dois. Paradoxalmente. Nem o lugar-comum dos nacionalismos brabos, nem o lugar-fetichismo do aristocrata saber europeu. Lugar comum e lugar fetichismo imaginei o entre-lugar e a solidariedade latino-americana. Inventei o entre-lugar do discurso latino-americano que já tinha sido inaugurado pelos nossos melhores escritores”. (SANTIAGO, 1978, apud SOUZA, 2003, p. 85).

A análise de Santiago – nem uma coisa nem outra –, me fez pensar na construção subjetiva do narrador. Este vem de uma Tradição, ao narrar uma história traz vozes e experiências do passado, porém não fica preso ao que já passou – como observa Stuart Hall (2003), a Tradição não tem nada a ver com as velhas formas. Ela é um espaço de articulação entre os elementos. Vendo por este ângulo, o narrador faz uma relação do passado com o presente – com suas experiências atuais. Ele não está preso a um passado remoto, nem está totalmente aberto a tudo que esta globalização oferece. Aquele que tem a arte de narrar está no *Entre-lugar* do nosso tempo atual, no *Entre-lugar* desta modernidade. E esta situação o faz se imaginar de uma maneira diferente que não se encaixa na lógica do mercado. Este narrador não descarta os sentidos que compõem a sua subjetividade – o que é o processo central que coloca em movimento o motor do consumismo –, mas os reapropria, dando uma configuração à sua vida que só ele pode manejar, de um jeito só dele. A subjetividade do narrador é uma poesia escrita por ele mesmo, a partir da sua potencialidade criativa de narrar.

A partir dessas reformulações, acho que encontrei o ponto certo para dar procedimento ao processo de escrita da dissertação. Neste artigo farei um esboço do primeiro capítulo, que será desenvolvido no decorrer do semestre 2015.1. Nesta breve esquematização da primeira parte do trabalho, farei algumas análises das versões da Lenda do Santo Fujão relatadas por habitantes das cidades de Alagoinhas-BA e Costa Rica-MS, enfatizando o Dialogismo e a Polifonia existentes nestas narrativas, que têm um papel fundamento na construção da subjetividade daqueles que as narram.

## **AS VOZES DO SANTO FUJÃO**

A partir das teorias relacionadas ao Dialogismo e a Polifonia propostas por Mikhail Bakhtin em sua obra *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2010), este primeiro capítulo será desenvolvido partindo das várias vozes existentes nas narrativas. Este ponto central desta etapa será analisado em dez relatos: cinco versões contadas por narradores de Alagoinhas: Ninfa, Claudionor, José Francisco, Afonso e Rosa; e a outra metade narrada por habitantes de Costa Rica: Oneide, Fabrício, Laurentino, Nilo e Maria. Neste artigo só farei breves análises de alguns fragmentos das lendas.

O narrador, ao relatar uma história, traz em seu discurso os nomes ou simplesmente divulga a informação de que aquela narrativa que ele conhece foi contada por outras pessoas. Esta situação é bem acentuada na lenda do Santo Fujão narrada pelo senhor Afonso Bispo:

Eu conheci um senhor que chamava Francisco Lima, então a esposa dele, muito antiga que morava aqui, ela me contava uma lenda que Santo Antônio, o padroeiro de Alagoinhas, que ele apareceu naquela igreja velha (a inacabada), feita pelos jesuítas...

A presença dessas pessoas nesta narrativa evidencia o diálogo entre a voz do narrador e as outras vozes do passado. Estas têm um papel fundamental na construção da subjetividade do Sr. Afonso, já que, como explica Bakhtin (2010), a estruturação da identidade deve passar pelo outro. As demais vozes contribuem dialogicamente na configuração do *eu* do indivíduo. Mas esta construção da subjetividade que perpassa por outros discursos não é uma reprodução do passado. Este dialogismo, como evidencia aquele mesmo teórico, a modifica dialogicamente em um outro novo *eu*, sendo assim, a identidade do Sr. Afonso é estruturada por meio da reapropriação desses discursos do passado. Um novo sentido é produzido por meio deste diálogo.

Existem alguns narradores que ao contarem uma lenda não citam aqueles que possivelmente fazem parte dessa construção discursiva. Dona Ninfa Alves, por exemplo, se insere na história e oculta os outros:

A igreja de Santo Antônio foi o local que a gente alcançou muitos milagres! Santo Antônio apareceu na igreja, botaram o santo lá, no dia seguinte perceberam que a

sua sandália tava suja de areia. Passaram a mão na sandália do Santo e viram que estava suja de areia, então construíram a igreja nova pra botar ele pra lá...

Bakhtin (2010) observa na obra *Memórias do Subsolo*, de Fiódor Dostoiévski, que apesar do discurso da personagem principal, configurado na forma de uma confissão, constantemente o teórico percebe o aparecimento do outro. A personagem, por sempre ter a última palavra para si, após as respostas dos outros, finge uma independência diante dos demais. Para Bakhtin, a intenção daquela é se desprender do domínio praticado pelo outro sobre si mesmo, porém isso não é alcançado, ela não consegue de desvincular do olhar do outro.

A análise deste intelectual reflete de maneira pertinente na narrativa relatada por Dona Ninfa. Ela aparece como autora central daquela história, pois se posiciona como testemunha ocular do momento histórico em que tudo aconteceu, sendo levantada então a hipótese de que ela tem a autonomia de contar a lenda sem a necessidade de evidenciar aqueles que participam do processo dialógico existente na construção da narrativa. Porém quando Dona Ninfa conta: *“quando foram limpar a igreja, botaram a Santo lá, no dia seguinte perceberam que a sua sandália tava suja de areia. Passaram a mão na sandália do Santo e viram que estava suja de areia...”*; observo que não só ela percebeu e viu que a sandália do Santo estava suja de areia. A narradora traz em seu discurso os outros que também perceberam e viram para que dessem a credibilidade ao que ela afirma. Suponho então, que a voz de Dona Ninfa depende das outras vozes, dos outros olhares do passado, para que seja possível a construção da sua subjetividade. Mesmo não estando explícitos os outros discursos em sua narrativa, o dialogismo está presente como base para o processo de subjetivação da narradora.

O Dialogismo é um conceito de certa parte distinto do termo Polifonia. Apesar dos dois terem sido formulados pelo teórico Mikhail Bakhtin, segundo Patrícia Marcuzzo (2008) há diferenciações. Para a autora, Dialogismo é o ponto central para a construção da linguagem e do total discurso. Já a Polifonia pode ser observada como uma tática discursiva inserida na configuração de um texto, no sentido de encontrar uma saída em uma relação conflituosa entre as vozes:

Uma vez que, nos romances de Dostoiévski, há várias vozes em conflito, surge como tarefa de suas personagens romanescas ‘encontrar sua voz e orientá-la entre outras vozes, combiná-la com umas, contrapô-la a outra ou separar a sua voz da outra à qual se funde imperceptivelmente.’ (Marcuzzo, 2008, p. 7)

Dessa forma pode-se observar a Polifonia na lenda relatada pelo Senhor José Francisco de Jesus:

Iniciou realmente a construção da capela, que contam a lenda também que nessa confusão do início da obra, traziam o Santo Antônio, colocavam lá, depois Santo Antônio retornava para a igreja antiga, a igreja de pedra, hoje a ruína, mas isso não se tem certeza...

Nesta história, o narrador mostra-se desconfiado em relação aos outros discursos existentes nela. A sua voz está em diálogo com as demais, porém ele não as confirma. No sentido polifônico pensado por Bakhtin (2010), a voz ou as vozes são autônomas, têm suas vontades. Ela pode desqualificar o narrador principal como não sendo um sujeito possuidor do saber. No caso do senhor José este pensamento se torna pertinente, já que ele está em relação com discursos do passado. Estes trazem saberes culturais por meio da lenda, mas o narrador não os qualifica como detentores de saberes válidos. A subjetividade deste se entrelaça com aquelas vozes, mas de forma inquietante – de maneira questionadora.

Questionar as vozes do passado é essencial para aquele narrador que está no *Entre-lugar* do nosso tempo atual. O senhor José não está ignorando o que passou. Ele as questiona no sentido de colocá-las em movimento, de provocá-las com a intenção de encontrar outras versões perdidas no tempo que já passou. Uma Tradição não deve ser como uma teia de aranha que nos prende a um passado fixo, ela deve ser um espaço de produção de novos sujeitos, como afirma Stuart Hall:

Não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. (HALL, 2003, p. 44)

É dentro desta perspectiva que embaso meu trabalho intelectual. Não pensar em subjetividades que deveriam ser imutáveis, mas sim, como estas podem ser reconstruídas a partir das reapropriações ocasionadas por meio do encontro do passado com o presente. Não excluir nem um nem o outro, mas por meio da articulação entre eles, produzir novos significados.

## **CONCLUSÃO**

Neste artigo evidenciei as mudanças que ocorreram no meu projeto durante o semestre 2014.2, as quais se configuraram em torno do tema da subjetividade, tendo como objetivo principal perceber o ato de subjetivação do narrador no momento em que este conta uma narrativa – no sentido em que ele se torna o próprio autor da sua subjetividade, diferente daquela que é esperada pelas leis do mercado.

A partir destas modificações, desenvolvi um esboço do que será produzido no primeiro capítulo da minha dissertação. Trouxe os conceitos de Dialogismo e Polifonia propostos por Mikhail Bakhtin para analisar as vozes existentes nas versões da lenda do Santo Fúfã contadas por alguns narradores, tendo a intenção de evidenciar como o encontro entre as vozes do passado com as do

presente (os entrevistados) pode produzir outros novos significados no processo de construção da subjetividade daqueles indivíduos:

O senhor Afonso constrói a sua subjetividade a partir do diálogo com outros discursos, dando a ela um novo significado.

No caso de dona Ninfa, apesar de mostrar autonomia, a sua identidade se configura por meio da confirmação das vozes do passado, mas não no sentido de que ela está presa ao que passou, e sim do que ela se tornou desde o início da sua vida até agora.

O senhor José Francisco questiona os discursos do passado para colocar em possibilidade o aparecimento de outras versões apagadas, e assim pôr também em movimento uma Tradição, já que o encontro do passado com o presente pode proporcionar interrogações tanto para um como para o outro, no sentido de produzir novos conhecimentos e novas subjetividades.

Outras versões contadas por outros narradores serão analisadas posteriormente no desenvolvimento integral do primeiro capítulo, da maneira como eu conduzi as análises produzidas neste artigo, procurando evidenciar o encontro dialógico entre as vozes desses dois tempos (passado e presente) para transparecer o processo de reapropriação dos significados que orienta a construção da subjetividade daquele que tem a arte de narrar.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Forense Universitária, 2008.
- Derrida, Jacques. *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- MARCUZZO, Patrícia. *Diálogo inconcluso: os conceitos de dialogismo e polifonia na obra de Mikhail Bakhtin*. <http://www.seer.ufrgs.br/cadernosdoil>, 2008.
- ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. LINS, Daniel S. (Org.). *Cultura e subjetividade: Saberes nômades*. Campinas: Papirus, 1997.
- SOUZA, Eneida Maria de. O não-lugar da literatura. In: *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.